

Resenha:

## ***A POLÍCIA DA MEMÓRIA : A SOBREVIDA DE HISOYAKA NA KESSHÔ NO BRASIL***

Nathália da Silveira Martins<sup>1</sup>

Yoko Ogawa é uma escritora japonesa nascida em 1962 na província de Okayama, a sudoeste da ilha de Honshû, Japão. Autora de mais de 30 romances, possui quatro deles traduzidos para a língua portuguesa<sup>2</sup>, o primeiro tendo sido traduzido a partir da tradução para o francês, e o restante traduzido diretamente da língua japonesa. Seu primeiro romance foi publicado em 1989, e com seu terceiro romance, 妊娠カレンダー (lit. *Calendário de gravidez*, 1991), recebeu o Prêmio Akutagawa, prêmio de grande prestígio concedido a novos escritores no país.

*A Polícia da Memória*, de Yoko Ogawa, foi publicado em 1994 no Japão, mesmo ano em que *Crônica do Pássaro de Corda* (Alfaguara, 2017), de Haruki Murakami, teve duas de suas três partes lançadas. À época, a obra não teve a repercussão que vê atualmente. Há alguns motivos para tal: um deles sendo a recepção de sua tradução para inglês. O livro foi finalista do International Booker Prize em 2020 (Reino Unido) e do National Book Awards em 2019 (Estados Unidos) com a sua tradução para a língua inglesa, feita pelo tradutor Stephen Snyder e lançado em agosto de 2019. Contudo, há motivos políticos e sociais que ajudam a compreender como o momento de uma tradução pode ser crucial para uma obra, assim como lhe permitir novos desdobramentos e interpretações.

Na apresentação *Afterlife: Translation, Yoko Ogawa's "The Memory Police", and Global Japanese Fiction*, organizada pela Japan Foundation New York e transmitida no dia 28 de outubro de 2020, Stephen Snyder começa sua fala trazendo o termo *sobrevida*, utilizado por Walter Benjamin em seu aclamado ensaio, *A Tarefa do Tradutor* (1923), como argumento para explicar a recepção de *The Memory Police* para o público falante de língua inglesa. A

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos de Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. Bacharela em tradução de língua portuguesa e língua japonesa pela mesma universidade. Membro dos grupos de pesquisa Literatura Traduzida e História da Literatura (UFRGS) e Pensamento Japonês (USP). Email: silveiramartins.nathalia@gmail.com.

<sup>2</sup> Em ordem de publicação no Brasil: *Hotel Íris* (Leya, 2011, tradução de Marli Peres), *O Museu do Silêncio* (Estação Liberdade, 2016, tradução de Rita Kohl), *A Fórmula Preferida do Professor* (Estação Liberdade, 2017, tradução de Shintaro Hayashi), *A Polícia da Memória* (Estação Liberdade, 2021, tradução de Andrei Cunha).

obra, traduzida 25 anos após sua publicação (27 anos, no caso da tradução para português brasileiro), recebe novas possibilidades e camadas graças à *sobrevida* possibilitada pelo fenômeno da tradução.

The notion of translation as an afterlife for a work of art is a relatively minor point, perhaps, in Benjamin’s complex argument. But I want to use it tonight to frame my talk, which focuses on the reception in the English-speaking world of “The Memory Police”, my 2019 translation of Yoko Ogawa’s 1994 novel, “Hisoyaka na Kessho”. I want to examine the forces that shaped our understanding of Ogawa’s novel in a contemporary world 25 years after the one in which she originally wrote it, and a very different set of meanings and interpretations that the novel took on in its English language afterlife.<sup>3</sup> (SNYDER, 2020, 5min21s)

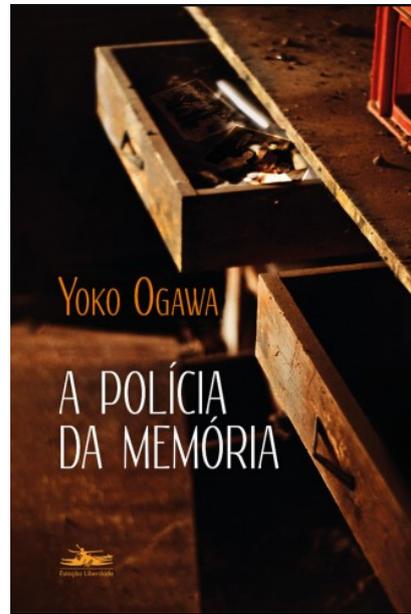
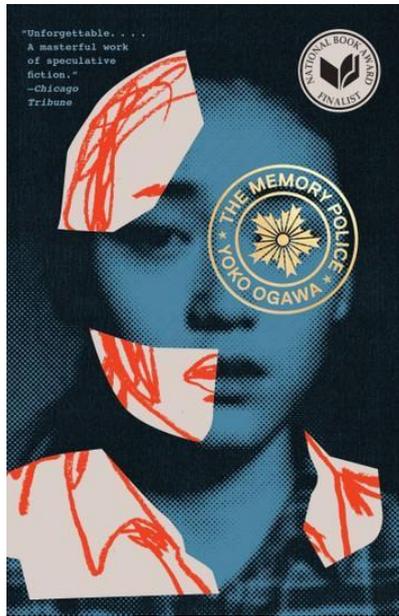
Em um momento de ascensão do autoritarismo em diversas partes do globo, uma obra como *A Polícia da Memória* ganha uma potência inexistente na época de seu lançamento em 1994. Snyder traz um motivo bem imediato, porém talvez não tão facilmente visível: o título da obra. Ou melhor, o título que a obra recebe em tradução. 密やかな結晶 significa, literalmente, *Cristais Secretos*, título mantido pela tradução francesa da obra, realizada em 2009 pela tradutora Rose-Marie Makino-Fayolle. Contudo, tanto na tradução de Snyder para língua inglesa como para a recente tradução em língua portuguesa, assinada por Andrei Cunha, optou-se por alterar o título para *The Memory Police/A Polícia da Memória*. No caso da tradução de Snyder, o tradutor explica o que ocorreu no processo tradutório e que acarretou ao fim na escolha de título da obra por parte da editora:

And I suppose it amounts to a bit of a confession, but anyone who has read both the Japanese and English will realize that the term “memory police” does not appear as such in the Japanese, or for that matter in the French text. The reference in the Japanese is to the secret police, *himitsu keisatsu*, and the activity they pursue is called *kioku gari*, or memory hunting. For clarity’s sake and for economy of language, I decided early on in the translation process to use the term memory police to capture their function in the name. And then the editor’s decided that the term

---

<sup>3</sup> “A noção de tradução como uma sobrevida para uma obra de arte é um ponto relativamente menor, talvez, no argumento complexo de Benjamin. Mas quero usá-la hoje à noite para estruturar a minha fala, que foca na recepção no mundo falante de inglês de “The Memory Police”, minha tradução de 2019 do romance de Yoko Ogawa, “Hisokaya na Kessho”, de 1994. Quero examinar as forças que moldam nosso entendimento sobre o romance de Ogawa em um mundo contemporâneo, 25 após aquele em que ela originalmente escreveu, e um conjunto muito diferente de significados e interpretações que o romance assumiu em sua sobrevida em língua inglesa.” [tradução nossa].

would make a good working and ultimately, print title for the book.<sup>4</sup> (SNYDER, 2020, 13min12s)



Capas de *The Memory Police* (2019) e *A Polícia da Memória* (2021).

Apesar do mesmo não ter acontecido na tradução de Cunha, que manteve *polícia secreta* ao longo do texto, o título se manteve em português. Algumas ideias surgiram nesse entremeio, de acordo com o professor e tradutor Andrei Cunha. Tiveram títulos provisórios, como *A Cristalização Silenciosa*, *Caçadores de Memórias*, porém, acabou se optando pela alternativa que surgiu com o título em inglês, que também dialoga com a nossa realidade atual. De qualquer forma, a ressonância desse título causa uma expectativa no leitor, como bem comenta Snyder: (...) “there’s no doubt that the shift in title prepares the readers for a certain, and perhaps different, kind of experience, one that lends itself to a dystopian interpretation, particularly in the moment that it arrived in the English-speaking world.”<sup>5</sup> (SNYDER, 2020, 13min54s). Não tão *particularmente*, afinal, foi em uma realidade de incertezas e desesperança, de violência e *fake news* que *The Memory Police* encontrou os

<sup>4</sup> “E acredito que seja meio que uma confissão, mas qualquer um que tenha lido tanto em japonês quanto em inglês perceberá que o termo “polícia da memória” não aparece dessa forma em japonês, nem mesmo no texto em francês. A referência em japonês é à “polícia secreta”, *himitsu keisatsu*, e a atividade realizada por eles é *kioku gari*, “caça às memórias”. Para fins de clareza e economia de linguagem, decidi logo no início do processo tradutório usar o termo polícia da memória para capturar sua função no nome. E então o editor achou que o termo funcionava bem, e acabou sendo o título para o livro” [tradução nossa].

<sup>5</sup> “não há dúvidas que a mudança no título prepara o leitor para um certo, e talvez diferente, tipo de experiência, um que propicia uma interpretação distópica, ainda mais considerando o momento em que chegou ao mundo falante de inglês” [tradução nossa].

Estados Unidos em agosto de 2019; e uma realidade que, além disso, é uma realidade de pessoas que buscam sobreviver uma pandemia que já havia matado mais de 450 mil brasileiros que *A Polícia da Memória* encontrou no Brasil em maio de 2021. O professor Andrei também comentou em uma breve publicação a respeito da tradução que sentiu pavor ao ler e traduzir a obra, enxergando paralelos possíveis entre a obra e o governo atual do país. Essas são algumas das *sobrevidas* que *hisoyaka na kesshō* encontra, *sobrevidas* jamais esperadas pela autora da obra, cuja intenção era prestar homenagem à obra *O Diário de Anne Frank*, obra tão querida por Ogawa desde sua adolescência.

For me, reading *The Diary of a Young Girl* was the reason I became an author. On the day the editor moves to the secret room, it's raining heavily. This was the same for Anne Frank and her family. As everyone lowered their heads and hurried through the downpour, nobody challenged their rapid pace toward the hiding place. My scene was meant to pay homage to Anne.<sup>6</sup> (ITAKURA, 2020, s.p.)

É curioso pensar que enquanto a intenção de Ogawa de escrever uma história voltada para o passado — de escrever sobre alguém que tivesse muitas coisas tiradas de sua vida sem motivo aparente<sup>7</sup> —, usando como fonte de inspiração seu carinho pela obra *O Diário de Anne Frank*, tenha se tornado em tradução uma obra que dialoga com o presente e o futuro próximos. Conforme traz Susan Buck-Morss em seu ensaio *O presente do passado*, “[a] história é feita de camadas. Mas as camadas não estão empilhadas em ordem. A força disruptiva do presente pressiona o passado, espalhando seus pedaços por lugares inesperados.” (2018, p. 5). Ao pensar dessa forma, é possível perceber a história não como algo contínuo e linear, mas sim como uma teia interligada, em que o passado interfere no presente, mas que também o presente retoma o passado de formas por vezes inesperadas. É nessa linha que então a obra, escrita na última década do milênio passado, repercute no presente. Uma história sobre um sistema autoritário, ditador de regras, que persegue aqueles

---

<sup>6</sup> “Para mim, ler *O Diário de Anne Frank* foi o que me motivou a me tornar escritora. No dia que o editor se muda para o quarto secreto, está chovendo muito. Foi o mesmo caso de Anne Frank com sua família. Conforme todos baixaram suas cabeças e se apressaram em meio à chuva, ninguém dificultou sua ida às pressas ao esconderijo. Essa cena era para prestar homenagem à Anne” [*tradução nossa*].

<sup>7</sup> “Ogawa wanted to put Frank’s experience into her own story. By writing about someone who had so many things taken from her for no good reason, she thought the oppressive nature of the society would naturally reveal itself. At the same time, she wanted to write about vanished memories. Initially these were separate ideas, but at some point they became connected, and she decided to create a story with an island setting.” (ITAKURA, 2020, s.p.).

que a elas não se adequam, fazendo muitos leitores pensarem na situação política e social que vivem atualmente.

They were asking me political questions that nobody did 25 years ago. I had no intention of depicting a near-future setting as a political statement—it was meant to be more like the past, before I was born. But when I reread the book for the first time in ages, I was shocked that I'd included a tsunami, and it's frightening to think that rather than getting further away from the world I created in the book, contemporary readers are connecting it with the near future.<sup>8</sup> (ITAKURA, 2020, s.p.)

Mesmo a autora percebeu, ao reler a obra, essa possibilidade de leitura que para ela era inimaginável em 1994. Seu desejo não era que uma história como essa reverberasse de tal forma no futuro; pensar que ela escreveu sobre um tsunami e hoje perceber que, em 17 anos, seu país sofreria milhares de mortes em consequência de um; que o mundo estaria retornando a realidades autoritárias que dialogam com as ditaduras do passado. Isso mostra como a história não caminha em uma estrada sem percalços, mas sim que, como traz Benjamin em uma de suas teses *Sobre o conceito de história* (BENJAMIN, 1940), “a história é objeto de uma construção, cujo lugar não é formado pelo tempo homogêneo e vazio, mas por aquele saturado pelo tempo-de-agora (Jetztzeit)” (LÖWY, 2005, p. 119). Esse tempo-de-agora mostra como há momentos em que o passado diz tanto sobre o presente quanto é possível: “a Roma antiga era, para Robespierre, um passado carregado de tempo-de-agora, passado que ele fazia explodir do contínuo da história.” (ibid.). Que ao menos a força da obra e sua reverberação nesse presente tão difícil sirva como um estopim, como *material explosivo* para que o ciclo eterno seja rompido.

\*

*A Polícia da Memória* é uma história de esquecimento, de perda, de vítimas de um autoritarismo que se constitui de forma quase onipresente. Em uma linha diferente de *1984*, ou mesmo de *Fahrenheit 451*, obras vistas de forma geral como distópicas, rótulo muito utilizado também para se referir não somente à obra aqui comentada, como também a outros títulos de Ogawa, *A Polícia da Memória* possui uma sutileza, uma aceitação velada, uma sensibilidade sobre as perdas.

---

<sup>8</sup> “Me perguntaram coisas que ninguém me perguntou 25 anos atrás. Eu não tinha a menor intenção de representar um futuro próximo como uma declaração política — era para ser mais como o passado, antes de eu nascer. Mas quando reli o livro depois de muito tempo, fiquei chocada por ter incluído um tsunami, e é assustador pensar que ao invés de nos afastar do mundo que criei no livro, leitores contemporâneos estão conectando-o ao futuro próximo” [tradução nossa].

Qual terá sido a primeira coisa que desapareceu desta ilha? Ainda hoje me pego pensando nisso. Quantas vezes minha mãe não me contou essa história quando eu era pequena!

— Muito, muito tempo antes de você nascer, este lugar tinha uma abundância de coisas. Coisas transparentes, coisas cheirosas, coisas farfalhantes, esvoaçantes, luminosas... enfim, maravilhas que você não pode nem imaginar. Infelizmente, nós, habitantes desta ilha, não podemos guardar para sempre essas coisas maravilhosas. Enquanto vivermos nesta ilha, precisamos ir apagando de nossos corações, um a um, os objetos ali guardados. Talvez já esteja chegando a hora de você também perder alguma coisa...

Angustiada, eu quis saber:

— Dá medo quando isso acontece?

— Não, não precisa se preocupar. Não dói, não é ruim. Um belo dia, acordamos, abrimos os olhos, e a coisa já foi. Fechamos os olhos, ficamos com os ouvidos atentos, sentimos o movimento do ar da manhã... Você deve prestar atenção: tem algo diferente de ontem? Isso quer dizer que seu coração perdeu algo, que alguma coisa desapareceu da ilha. (OGAWA, 2021, p. 9)

Essa é a abertura da obra. Nela, é possível já ter uma ideia sobre o tom da narrativa. Narrada em primeira pessoa, por uma escritora sem nome, uma das habitantes da ilha; uma das inúmeras pessoas vítimas dos desaparecimentos dos mais diversos, desde sua infância. A história gira em torno de três personagens: a escritora-narradora; o velho balseiro; e o editor R.

Na ilha, existe a *polícia secreta*, organização que se assemelha a uma entidade, cuja função é cuidar para que as memórias sejam de fato esquecidas, assim como tudo relacionado a elas. Não existe diálogo com a polícia secreta, em suas aparições, ela surge, com seus policiais fardados todos à mesma maneira – com seus uniforme verde-escuro, cintos largos, botas pretas, luvas de couro e revólveres à cintura – e agem tal qual uma máquina até que sua missão esteja finalizada. Não se sabe quando a mesma surgiu, apenas que há cada vez menos memórias, e que o coração daqueles que esquecem se torna cada vez mais oco. A narradora é uma dessas pessoas, vítima do esquecimento de coisas mais ou menos importantes para ela. Independentemente de qualquer coisa, independentemente de sua vontade, a única certeza é o esquecimento.

Era assim que as pessoas viviam na ilha, ou ao menos a maioria delas. A mãe da escritora e R eram exceções à regra, pessoas que não esqueciam, e como tal, não podiam existir. Escondiam o fato, porém, a polícia tinha suas formas para descobrir aqueles que não esqueciam. A mãe da escritora, uma escultora, não só tinha suas memórias intactas, como também se esforçava para manter as coisas esquecidas. Quando jovem, a narradora ouvia sua mãe contando sobre essas coisas, e lhe mostrando, em um gaveteiro, as preciosidades que não

mais deveriam existir: uma fita de cetim, um guizo, uma esmeralda, um selo, um perfume, dentre tantas outras. A mãe mostrava, deixava a filha tocar aqueles objetos, sentir seu cheiro, mas de nada adiantava, nada daquilo lhe passava qualquer sensação ou lhe despertava qualquer memória. O que não existia mais não podia ser resgatado por aquelas vítimas do esquecimento.

Perdendo a mãe para a polícia secreta; perdendo também depois seu pai; lhe resta apenas o velho balseiro, marido de sua antiga babá, também já falecida, que a acompanha ao longo da narrativa. O velho a ajuda, e ambos são um ponto de amparo para o outro, sozinho no mundo. Pessoas que perderam não somente memórias, mas também aqueles preciosos para si.

A narrativa segue duas histórias paralelas: a história da escritora, e a da obra que ela escrevia à época. O entrelaçamento das narrativas é inclusive um fator que torna *A Polícia da Memória* uma obra peculiar e insólita, como tantos gostam de chamá-la. A obra da escritora-narradora é, em diversos aspectos, semelhante à obra da própria Ogawa, com tons de fantástico, um desconforto e uma espécie de reconciliação com o problema. É durante o processo de escrita que vemos a escritora interagir com R, seu editor, que vem a se tornar também parte importante da narrativa principal.

Um dia, o editor vai até a casa da escritora, e os dois trabalham no manuscrito de seu romance. Descem ao porão, e a escritora conta sobre as *gavetinhas* em que sua mãe guardava seus *objetos secretos*. Ao conversarem, a escritora tenta descrever um dos objetos que sua mãe lhe mostrara, tarefa quase impossível para ela, que precisava falar sobre algo do qual não tinha mais lembranças, e o editor sente o cheiro remanescente de um perfume que fora guardado ali no passado:

— Aqui tinha perfume, não?

Já ia perguntar de novo “mas como é que...”, mas consegui segurar o impulso.

— Ainda tem o cheiro do perfume.

Ele me empurrou gentilmente em direção à gaveta.

— Você não sente um cheiro?

Aproximei o nariz da gaveta e respirei fundo. Lembrei que minha mãe, uma vez, tentara me fazer sentir um cheiro, exatamente como R, diante daquela gaveta. Mas tudo o que senti foi o ar gelado entrando em minhas narinas.

— Não... não sinto nada. Desculpe.

— Não há do que se desculpar. É muito difícil se lembrar das coisas que sumiram.

R fechou a gavetinha do “perfume” e piscou os olhos.

— Eu me lembro. Lembro-me da beleza da esmeralda. Do aroma do perfume. O meu coração não esquece nada. (OGAWA, p. 79)

Por não esquecer, R corre perigo. A polícia secreta pode ir atrás dele a qualquer momento. Preocupada, a escritora oferece escondê-lo. Assim, os três – a escritora, o editor e o velho balseiro –, passam a conviver e se solidarizar um com o outro. Enquanto isso, o editor busca ajudar os dois a relembrem do que já há muito foi esquecido, embora não seja bem-sucedido, conseguindo apenas breves relances por parte dos dois personagens.

E assim, a narrativa segue, com cada vez mais coisas sendo esquecidas, com os corações da maioria dos habitantes da ilha cada vez mais ocos. Alguns esquecimentos merecem uma menção especial, o primeiro deles sendo os *romances*. Em determinado ponto do enredo, aquilo que ligava o editor à escritora deixa de existir. Os livros são queimados, a biblioteca local fica em ruínas, em cena que relembra muitos as de obras aqui já citadas. A narradora sente com maior pesar essa perda, afinal, era algo intimamente ligado à sua vida: “Algumas semanas se passaram sem que nada de ruim acontecesse. Então ocorreu um sumiço. Achei que já estivesse acostumada com o fato de as coisas desaparecerem de uma hora para outra, mas dessa vez foi mais difícil. Sumiram os romances.” (OGAWA, 2021, p. 205). O processo de esquecimento é narrado com muita sensibilidade, e ver as perdas das personagens faz com que o leitor pense naquilo que também já perdeu ao longo da vida, seja por culpa de terceiros ou não.

É uma história que se constitui de partes sendo apagadas de forma aleatória, e atingindo de forma diferente cada indivíduo. Então, o que restará ao final? “O que sobrevive nos arquivos faz isso por acaso. O desaparecimento é a regra. A aniquilação é o destino de cidades inteiras, obliterando muito mais do registro humano do que aquilo que é preservado.” (BUCK-MORSS, 2018, p. 18). Tal afirmação conversa com a obra, além de ressaltar o quanto a história é construída através de violência.

De que adianta lembrar-se de algo que todos os outros esqueceram? Talvez o medo de também cair no esquecimento seja o que impulse R a tentar fazer com que a escritora, principalmente, se lembre. Se lembre do que perdeu e era importante para ela, afinal, o que seria dela se todas as coisas que a constituem sumissem? E o que seria dele, alguém que não existe mais para o mundo, se sua única ponte com a realidade desaparecesse?

Com muito esforço, a escritora consegue retomar seu romance, que conta a história de uma datilógrafa que tem a sua voz roubada pela sua máquina de escrever. Assim como a personagem perde a voz e fica presa em uma torre, impedida de avançar, a escritora sofre para

conseguir retomar a narrativa e escrever uma frase que seja. Apenas nos últimos capítulos da obra que ela, já tendo esquecido sua perna esquerda e seu braço direito, consegue concluir seu romance. Quando, por fim, o resto de seu corpo é também esquecido, sobrando somente a sua voz.

Logo sumiu a mão esquerda que tecera as frases no papel. Depois, os olhos que choravam. Em seguida, o rosto pelo qual escorriam as lágrimas. As pessoas perderam tudo o que nelas tinha contorno. As vozes, flutuando no ar, foram a última coisa que sobrou.

(...)

— Depois que eu for embora, continue cuidando deste recinto. Quero seguir existindo em sua memória, em seu coração.

Aos poucos, fui ficando sem fôlego. Olhei à minha volta. Enfileirado com os outros objetos sumidos, entre a caixinha de música e a gaita de boca, estava meu corpo. Os pés, caídos para os lados, as mãos, unidas no peito, os olhos, baixados. Talvez no futuro ele toque esse corpo da mesma forma como dá corda na caixinha, ou como assopra a gaita, para reviver as lembranças que tem de mim.

— Você precisa mesmo ir? — perguntou ele.

Puxou para si o ar que abraçava. A voz que me restava era débil e entrecortada.

— Adeus...

— Adeus...

Ele continuou a olhar para o oco que havia abraçado. Ficou assim por muito tempo, além do necessário, para se convencer de que nada mais restava ali. Então abaixou os braços, sem forças. Subiu a escada lentamente, degrau por degrau, abriu o alçapão e saiu para o mundo. A luz do exterior brilhou no assoalho por um instante; em seguida, veio a escuridão. A saída se fechou com um rangido. Senti o sutil impacto do canto do tapete cobrindo o assoalho.

No recinto oculto, fui aos poucos sumindo. (OGAWA, 2021, 312-314)

A obra termina com o tom agri-doce de que, embora todos que esqueciam tivessem sumido, aqueles que lembravam poderiam então voltar a ser livres. Conforme já foi dito, ao tratar de desaparecimentos e memória, Ogawa tinha a intenção de mostrar a natureza opressiva da sociedade. Trazendo um enredo considerado distópico, ela é capaz de mostrar um *se* não tão longe da realidade. O que aconteceria *se* tivéssemos alguém que ditasse o que podemos lembrar, pensar, falar? O que aconteceria *se* perdêssemos de um dia para o outro, coisas que sempre estiveram conosco? O que aconteceria *se* não houvesse como se opor a tamanho autoritarismo?

Um dos questionamentos que fica é se, afinal, esse subjuntivo está na verdade sendo conjugado corretamente, ou se seria mais apropriado usar o indicativo.

## Referências

BENJAMIN, Walter. *Linguagem, tradução, literatura* (filosofia, teoria e crítica). Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

- BUCK-MORSS, Susan. *O presente do passado*. Tradução de Ana Luiza Andrade e Adriana Varandas. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.
- ITAKURA, Kimie. Writer Ogawa Yōko's Stories of Memory and Loss. *Nippon*, Tóquio, s. v., s. n., 27 março 2020. Disponível em: <https://www.nippon.com/en/people/bg900133/writer-ogawa-yoko%E2%80%99s-stories-of-memory-and-loss.html>. Acesso em: 24 jun. 2021.
- LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant, Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MURAKAMI, Haruki. *Crônica do Pássaro de Corda*. Tradução de Eunice Suenaga. São Paulo: Alfaguara, 2017.
- OGAWA, Yoko. 密やかな結晶 [Hisoyaka na kesshō]. Tóquio: Kodansha, 1994.
- OGAWA, Yoko. *Cristallisation secrète*. Tradução de Rose-Marie Makino-Fayolle. Arles: Actes Sud, 2009.
- OGAWA, Yoko. *The Memory Police*. Tradução de Stephen Snyder. New York: Pantheon Books, 2019.
- OGAWA, Yoko. *A Polícia da Memória*. Tradução de Andrei dos Santos Cunha. São Paulo: Estação Liberdade, 2021.
- THE JAPAN FOUNDATION & CGP, NY. *Afterlife: Translation, Yoko Ogawa's "The Memory Police", and Global Japanese Fiction*, 28 out. 2020. 1 vídeo (74 min.). Live. Disponível em: <https://youtu.be/OteotahisSQ>. Acesso em: 24 jun. 2021. Participação de Stephen Snyder e Allison Markin Powell.

Recebido em: 22/07/2021; Aceito em: 05/11/2021.